

Parte 1:

Ensinaamentos da sabedoria antiga, idiomas estrangeiros, símbolos descon- hecidos e declarações deliberadamente declarações deliberadamente veladas

Onde está o berço da meditação? Se desconsiderarmos o hermetismo do antigo Egito por enquanto e também considerarmos que Gautama Buda era um iogue treinado, então nossa busca pelo berço da meditação termina com a ioga da Índia, cujo nível mais alto é chamado de *Raja ioga*, a ioga dos reis, a meditação.

Infelizmente, aqui também não há uma forma padronizada ou *certificada* de meditação, mas há um ponto em comum fundamental: o meditador obviamente quer descobrir, explorar e mudar algo dentro de si mesmo. Esse esforço só parece ser bem-sucedido com grande comprometimento e enorme disciplina e pode levar uma vida inteira, se isso for suficiente. No entanto, ao investigarmos mais a fundo, logo nos deparamos com algo altamente desconcertante.

Patañjali (1999: 21) começa de forma bem realista no Capítulo 1 do Yoga Sūtren:

... aquele estado interno no qual os processos mentais e espirituais entram em repouso. Então, a pessoa com visão descansa em sua identidade essencial. Todos os outros estados internos são determinados pela identificação com os processos espirituais da alma ...

No entanto, no terceiro capítulo, o Vibhūti Pāda, ele então muda para *siddhis*, poderes sobrenaturais.

Paramahansa Yogananda (1997: 314-315) também observa em seu livro *Autobiography of a Yogi*:

As pessoas primitivas raramente ou nunca percebem que seu corpo é um reino governado pela alma; elas não sabem que a alma está sentada no trono do cérebro e comanda mais de seis governantes auxiliares nos centros da medula espinhal (esferas de consciência)...

Em seu livro *Kundalini Yoga*, Sri Swami Saraswati Sivananda (1994: XII) entra em mais detalhes sobre esses centros e recomenda a concentração intensiva nessas áreas, começando com um ponto entre os órgãos genitais e o ânus.

Descansar em si mesmo parece bom, mas habilidades sobrenaturais? Seis regentes auxiliares? Se houver outros seres *vivendo* em

nossos corpos, será que precisamos de um exorcista? Será que nós, pessoas esclarecidas e cientificamente orientadas da era moderna, não superamos há muito tempo esse tipo de conversa fiada? Concentrando-me no assoalho pélvico, que percepção espiritual devo obter se me dedicar intensamente ao meu ânus ou aos meus órgãos genitais? Como diz o próprio Sri Chinmoy (1994: 145), nascido na Índia:

*Como a mensagem da Gita não foi
realmente compreendida na Índia, esse país
está repleto de ascetas secos e homens de
ação não iluminados.*

Em vista de tais estranhezas, parece aconselhável interromper nossos esforços para uma compreensão mais profunda da meditação aqui e agora e enterrar o assunto, juntamente com outros excessos desconcertantes da mente humana, no local.

Se não fosse por Swami Sivananda, por exemplo, um médico treinado em medicina ocidental que praticou por muitos anos, foi até mesmo diretor de um hospital na Malásia por um tempo e mais tarde fundou o Sivananda Charitable Hospital em Rishikesh. Um homem assim daria conselhos sem sentido?

Difícilmente, e novamente Sri Chinmoy (1994: 10, 12) oferece uma explicação:

... já que o Veda era originalmente um livro secreto, acessível apenas a poucos. ... a codificação dos ensinamentos védicos em uma linguagem altamente simbólica ofereceu proteção adicional contra a vulgarização e o consequente mal-entendido de seus verdadeiros ensinamentos. ... com o passar dos séculos, no entanto, o conhecimento do significado interno desses versos e conceitos teria desaparecido quase completamente e o aspecto externo teria sido considerado como seu significado completo.

O que você quer dizer com criptografia? Linguagem simbólica? Bem, a linguagem consiste em palavras, e as palavras nada mais são do que símbolos para algo de nosso respectivo mundo interno ou externo de experiência, dependendo do tempo e do lugar. Hoje, se *tivermos uma conexão* com uma pessoa ou *estivermos* na mesma sintonia com ela, usamos termos técnicos da eletrônica ou da tecnologia de comunicação. Um iogue que viveu há cinco mil anos e se deparou com um texto com tais expressões teria procurado em vão pelo pedaço de

fio de cobre ou pelas ondas comuns e seu comprimento; sua tradução de nossas expressões modernas seria inevitavelmente estranha, enganosa e completamente errada.

Ou pense, por exemplo, nas placas em nossas rodovias: *Half speedo distance!* Um velocímetro tem um diâmetro de cerca de quinze centímetros; será que devemos realmente ficar a sete vírgula cinco centímetros do carro da frente a uma velocidade de cem para evitar acidentes?

No início do Advento de 2017, o Papa (Kaube, FAZ) recomendou a alteração do texto alemão do Pai Nosso: ... *e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal*. Seu argumento: um verdadeiro Pai ou Deus não leva primeiro suas criaturas à tentação para depois puni-las, portanto, ele suspeitava de um erro de tradução aqui.

Portanto, as palavras são, na verdade, símbolos de algo de nosso respectivo mundo interno ou externo de experiência, do passado, presente ou futuro, dependendo do tempo e do lugar. Uma percepção correspondente sempre ocorre primeiro, e só então uma palavra é buscada ou recém-criada como um símbolo para ela. Por outro lado, se mais tarde quisermos interpretar e entender corretamente essas palavras ou símbolos, só conseguiremos se já conhecermos a relação entre a palavra ou o símbolo e a percepção, se formos iniciados *nesse*

segredo. É como encontrar um idioma novo e desconhecido; sem o conhecimento da correlação descrita, o texto permanece *criptografado*.

Na verdade, deveríamos estar muito familiarizados com essas conexões: Desde meados do último milênio, o Ocidente desenvolveu sua própria cultura científica, cuja linguagem técnica e simbólica também se mostra incompreensível para os leigos - pense em matemática, química ou medicina, por exemplo. No entanto, essa é uma necessidade específica da disciplina e não uma ofuscação intencional, e qualquer pessoa realmente interessada tem a oportunidade de desvendar esses supostos segredos, desde as aulas de matemática e ciências nas escolas de educação geral até a universidade.

Além dessa categoria de dificuldades, há também as da natureza humana (Sivananda Bhagavadgita, 2003: VII.3):

Entre milhares de pessoas, talvez uma se esforce para alcançar a perfeição; mesmo entre aquelas que se esforçam com sucesso, talvez apenas uma perceba minha natureza.

Obviamente, a meditação não foi praticada por todos, nem se mostrou adequada para todos.

Então, o que tudo isso significa para nosso esforço de entender a meditação em profundidade? Para decifrar e entender os antigos textos do , primeiro precisaríamos ter pelo menos alguma ideia do que foi descoberto graças à meditação e das mudanças que ela provocou. Como poderíamos alcançar essa premonição, essa *iniciação*?

Vamos supor que o Homo sapiens não ...

etc.